

AS SOMBRAS MANCHADAS

Pelas sombras manchadas
Há um ritmo de cinzas que se unem,
De tintas neutras, de sépia; cinzentos de pérola
Que se compõem, que se organizam.

Sombras de noites antigas, fragmentos
Que restaram das velhas noites fechadas,
Das noites velhas com seus pretos de marfim;
Sombras que agora não existem mais,
Manchas de noites que de todo se apagaram
Fazendo luminoso, brilhante, nascer o sol.

Mas aqui ainda há restos e resquícios
De sombra e luz sumidas desde aquele tempo.

Na primitiva noite não havia
Continuidade entre luz e sombra;
A luz era só, a sombra a envolvia:
Sombra a mais densa de todas.
Luz, brilho intenso a se esfazer no espaço longo
Em várias tonações de cinza e sépia.

Fragmentos de luz, fragmentos de sombra
Eram a forma primeira, dos primeiros dias.
Nas manchas estão noites antigas;
A luz, os restos de manchas sombreadas
Em tudo agora é perene, agora se conserva.
O branco alvíssimo, o preto de marfim
Das velhas noites já perdidas
Estão no ar para sempre, contidos e lembrados.